

VEMO-NOS AO NASCER DO DIA

Zinnie Harris

Duração 1h20m

M/12

Aquilo que fica

Conhecemos Zinnie Harris, dramaturga natural de Oxford, e que cresceu na Escócia, através da peça *Further than the Furthest Thing - Mais longe que a coisa mais longe*. Nela, Zinnie faz um rompimento estilístico com as convenções naturalistas, apresentando o drama interno de um grupo de personagens que se vê arrancado da sua ilha natal. Estreada em 2000, colocou Harris definitivamente na ribalta dos dramaturgos contemporâneos mais apetecidos, tendo a sua carreira a partir daí somado uma série de produções. O caráter distintivo da sua obra encontra-se na abordagem intimista, centrada na figura do feminino, e onde a psicologia se dispersa numa paisagem mítica, povoada pela fábula, a memória, o trauma e o mito. Por outro lado o seu trabalho assenta também numa ideia de reescrita do cânone clássico ocidental, tendo sacudido e reescrito clássicos como *Macbeth*, de Shakespeare, *Oresteia*, de Ésquito e *Menina Júlia*, de Strindberg, procurando sempre um olhar mais aprofundado sobre as ações das principais personagens femininas, com um olhar crítico e contemporâneo.

Decidimos olhar com mais atenção para este *Vemo-nos ao nascer do dia*, de 2017, porque para além de ser uma obra mais recente, tem uma estrutura complexa e cativante. Com duas personagens apenas e ações mínimas que se dão num só lugar, o drama é tudo menos pobre, no sentido teatral do termo.

Duas mulheres estão presas no que parece ser uma ilha, depois do que parece ter sido um naufrágio. A incerteza deste *setting*, e uma abordagem distanciada logo no início da peça dizem-nos que, afinal, nada irá ser “o que parece”.

À medida que o drama se desenrola, em solavancos ditados por discurso fragmentado e imagens sonhadas que dão lugar a revelações inesperadas, somos conduzidos para uma arena onde amor, perda, memória e luto se degladiam. E nessa arena, onde o luto e a melancolia transbordam a dor da perda mais avassaladora, assistimos à inesgotável resiliência da vida, da luz, do amor. Uma perda, por contraste à vida, ao amor, às boas memórias, ao humor (até ao mais mordaz e ácido). Zinnie é aqui a maestrina de uma sinfonia de perfeito equilíbrio entre o íntimo e o trágico, mas em que o que sobra é mais do que uma reflexão, diríamos, terapêutica. Trata-se de usar o dispositivo dramático a partir de uma base com elementos que reconhecemos no início, mas com o objetivo de criar uma realidade outra, povoada de movimentos simbólicos, em que um alicerce da existência humana - a nossa relação com o outro que amamos e o que nos acontece com a sua perda - é colocado num pedestal para que o observemos a partir de vários ângulos. Esse é, aliás, o poder sobrenatural do texto, a facilidade com que nos projetamos nele de forma diferente a cada leitura. E, a cada repetição, a dificuldade que temos em deixar que estas duas personagens-alma, que se encontram (se perdem?) num sítio liminal, aceitem afinal onde estão para, então, poderem fazer algum caminho.

TRADUÇÃO

DIREÇÃO

INTERPRETAÇÃO

Francisco Frazão

Filipe Abreu e Miguel Maia

Dalila Carmo, Margarida Cardeal, Miguel Maia.

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:
Lara R. Santos e
Raquel Rolim Batista

Pré-produção:
Beatriz Sousa

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/12

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 048

Programação completa em:
www.cepatorta.org/eng25

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave
edoardotrave.eut@gmail.com

 [estanoitegrita.se](https://www.facebook.com/estanoitegrita.se)
 [estanoitegrita.se](https://www.instagram.com/estanoitegrita.se)

Financiado por:



Apoios:



Parceiros:



Parceiro media:



**VEMO-NOS AO
NASCER DO DIA**

Zinnie Harris